



MICKAËL DE OLIVEIRA

OBRA COMPLETA

Tomo I
2006-2014

TEATRO

lúmus

MICKAËL DE OLIVEIRA

OBRA COMPLETA

Tomo I
2006-2014

TEATRO

húmus

PREFÁCIO

Uma fome que assumiu novas formas

Leia-se o título deste volume de Mickaël de Oliveira com certa disponibilidade irónica: o conceito de “obra completa” é um derivado histórico recente, amadurecido no contexto editorial de Setecentos, um período que fez coincidir a emergência da função-autor com a cultura do impresso e a consequente ritualização da obra enquanto totalidade simbólica. Ora, o dramaturgo convoca esta retórica celebrativa para um tempo (o nosso) que é já o da sua obsolescência histórica. Mais do que noutras culturas da escrita, o teatro contemporâneo tem vindo a recusar a possibilidade de uma obra feita por adição contínua; nenhuma filologia pode acrescentar transparência ou totalidade a um teatro que nasce no âmago descompassado do presente, como é o caso.

Este tomo primeiro coloca-nos sobretudo perante uma colecção de *pièces fugitives*, ao modo voltairiano. A fugacidade em causa resulta, desde logo, do próprio processo de escrita destes textos, na sua passagem pela cena e no seu retorno recorrente à oficina do dramaturgo. Veja-se o caso de *Oslo*, o título de abertura, que se deslocou em processamento contínuo entre o ano de 2006 e o ano de 2014. Ou o caso de *Boris Yeltsin*, cuja versão agora publicada resultou de uma “longa reflexão”, com o contributo do elenco e do encenador, Nuno M. Cardoso. As deslocações destes textos, importa referi-lo, ocorrem num contexto bem diferente do debate polarizado que caracterizou as décadas de 70 e 80, uma altura em que texto e cena, dramaturgo e encenador, disputavam ainda mérito artístico e precedência autoral. O contexto é agora diferente, sobretudo depois da década de 90, período já marcado pela convivência ecuménica de processos de criação díspares, juntando as constelações dramaturgo-autor, autor-encenador e actor-dramaturgo, num vasto conjunto de práticas que definem, à falta de melhor designação, o tempo pós-dramático em que vivemos.

em *Oslo*, supõe não tanto um teatro da presença, mas da ocultação enquanto pergunta sobre o sentido ausente.

Não surpreende portanto que a finisterra que assim se abre perante o nosso olhar abdique do político e da acção emancipatória: “não percebo nada de política (...) sou apolítico” (*Boris Yeltsin*). À pergunta sobre se acredita na revolução, o Homem 2 responde que não: “Aqui entre nós, prefiro a cona fria da tua ‘filha’ à revolução. E tu acreditas na revolução?” (*Oslo*). Se recordarmos o célebre verso de Bertolt Brecht segundo o qual o pior analfabeto seria o analfabeto político, torna-se evidente a distância que separa os dois momentos e os dois discursos, um ainda embrenhado na optimização do humano, outro expondo a sua falência política. É todo um abismo geracional. No novo milénio, a própria possibilidade do político é boicotada pelo cinismo da prática partidária instituída, que inclui já por defeito os pais de Orestes, mesmo quando no exercício distanciado da “noção de paternidade” temem pelo futuro do filho, nas palavras de Agamémnon: “Se eu percebi, quando morrermos vais para um parque de campismo comer saladas russas enlatadas e bater punhetas para um frasco” (*Boris Yeltsin*).

Se adolescentes tardios fogem “à gravidade das coisas”, apenas aparenta sobrar agora margem para o desfile de um hedonismo terminal, alimentado pela autocomplacência, pela solidão (na multidão) e pela incapacidade de amar. Nestas condições, a negação do corpo político tem o seu reverso niilista na “vontade súbita de morrer”, na figuração suicidária, no corpo doente, no corpo apodrecido, mas sobretudo no corpo escatológico, reduzido à “merda” que retorna como obsessão liquefeita em todos os textos, em todas as declinações imagináveis. Uma escatologia na qual Mickael de Oliveira subsume coprologia e anúncio do fim dos tempos: “a tua vida é uma merda”, “merda é a coisa mais natural do mundo”, “as pessoas são uma merda”, “toda a contra-alternativa é merda” ou, em declinação divergente, “estranho é comer merda e dizer que é bom”.

Fernando Matos Oliveira

OBRAS COMPLETAS

Tomo I - Teatro

Autor

Mickaël de Oliveira

Capa

Nuno Coelho

Fotografia da capa

Bruno Simão, referente a

Hipólito – Monólogo Masculino
sobre a Perplexidade

Paginação

Mário Azevedo

Revisão de texto

Ágata Pinho

© Edições Húmus, Lda, 2015

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão, V.N. Famalicão

T 962 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão

Papelmunde

Depósito legal

390067/15

ISBN

978-989-755-110-9

ISBN 978-989-755-110-9



9



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

*dg***ARTES**
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

84
[coletivo autor]